

Revista Pandora Brasil

[Home](#) [Índice](#) [Minicurrículos dos autores](#)

O fantástico na poesia

Marinice Argenta¹

RESUMO: O presente texto dedica-se a uma análise de um poema de Jorge Luis Borges denominado "Susana Bombal", do livro *El oro de los tigres*, correspondente à literatura fantástica, através do qual apresentará os traços característicos e dominantes dessa expressão artística, portadora privilegiada de novas perspectivas de criação artístico-literária.

Palavras-chave: literatura; Borges; realismo fantástico

Susana Bombal

Alta en la tarde, altiva y alabada,
cruza el casto jardín y está en la exacta
luz del instante irreversible y puro
que nos da este jardín y la alta imagen
silenciosa. La veo aquí y ahora,
pero también la veo en un antiguo
crepúsculo de Ur de los Caldeos
o descendiendo por las lentas gradas
de un templo, que es innumerable polvo
del planeta y que fue piedra y soberbia,
o descifrando el mágico alfabeto
de las estrellas de otras latitudes
o aspirando una rosa en Inglaterra.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

Está donde haya música, en el leve
azul, en el hexámetro del griego,
en nuestras soledades que la buscan,
en el espejo de agua de la fuente,
en el mármol de tiempo, en una espada,
en la serenidad de una terraza
que divisa ponientes y jardines.

Y detrás de los mitos y las máscaras,
el alma, que está sola (BORGES, 1996, p. 470)

O título “Susana Bombal” já nos apresenta a intenção do autor de falar de uma mulher. Ao apresentar um nome próprio somos levados a pensar na existência real dessa mulher, oferecendo-nos, assim, o ponto de partida para o estabelecimento da literatura fantástica, ou seja, toma-se um elemento concreto que parte do mundo real, o qual será integrado posteriormente ao mundo de elementos fantásticos.

Alta na tarde, altiva e louvada

A partir do primeiro verso, o eu lírico inicia a descrição física dessa mulher, “alta” e “altiva”, proporcionando a caracterização de um ser real. Ao mesmo tempo em que nos delimita o tempo, demonstrando-nos que é dia e trata-se especificamente de uma “tarde”. Ocorre, então, uma descrição física, um tempo real, portanto, uma realidade concreta. Tais elementos perfazem importantes pontos de partida na literatura fantástica, a qual tem seu fundamento partindo sempre de elementos constituintes do mundo natural para somente depois acrescentar outros, pertencentes a um mundo sobrenatural. A palavra “louvada” estabelece um sentimento do eu lírico com relação a essa mulher, auxiliando na sua concretização.

cruza o casto jardim

Nesse momento, essa mulher inicia um movimento, oferecendo-nos a ideia de que caminha por entre um jardim puro, dirigindo-se para um determinado lugar. Inicia-se, portanto, uma ação no tempo, e o leitor acompanha um deslocamento da imagem sugerida pelo poeta, oferecendo-nos, novamente, uma maior solidez em relação a sua existência, na medida em que se trata de uma mulher real que caminha por entre um límpido jardim. O poeta, então, já começa a tomar posse de elementos importantes para a instauração do fantástico: a “atmosfera da narrativa”, como nos diz Todorov, ou seja, o poeta cria, primeiramente, uma atmosfera de realidade.

**e está na exata luz do instante irreversível e puro
que nos dá este jardim e a alta imagem silenciosa.**

Nesses versos, o eu lírico nos dá a impressão de que esta mulher interrompe sua ação, cessa-se a caminhada e ele a vê na luz do dia, que perfaz um instante, que é límpido, único e “irreversível”, que não se desloca. Fixa-se um tempo, dando-nos a ideia de que a imagem está congelada pelo seu olhar, todo esse sentimento oferecido também pelo próprio “jardim” e pela “imagem silenciosa”, uma estátua – imagem parada no tempo. Ocorreu, portanto, uma pequena mudança temporal, no verso anterior o tempo deslocou-se, aqui o tempo é estático. Essas pequenas nuances temporais também são responsáveis pela atmosfera que se deseja criar no discurso, contribuindo para o estabelecimento do fantástico.

Vejo-a aqui e agora,

O discurso poético, agora, começa a ser na primeira pessoa do singular, e, novamente, o eu lírico nos apresenta a ideia de uma realidade, de uma imagem de mulher que está em frente aos seus olhos, estabelecendo o espaço “aqui” e o

tempo “agora”. Delimitando muito bem o aspecto tempo e espaço, que perfazem a ideia de realidade concreta. Colocando-se na primeira pessoa do singular, o poeta instiga o leitor a identificar-se com o discurso poético. Já caracterizando a terceira condição estabelecida por Todorov para o estabelecimento do realismo fantástico: um narrador em primeira pessoa, no caso aqui, um poeta que se insere em seu discurso poético.

**mas também a vejo em um antigo
crepúsculo de Ur dos caldeus**

A partir desse momento, o eu lírico começa a enxergá-la em outro espaço (caldeus, da Caldeia: antiga região da Ásia), em outro tempo (crepúsculo: luminosidade de final de tarde ou início da manhã). A presença de um mito sumério, “crepúsculo de Ur dos caldeus”, localizado na raiz dos episódios bíblicos, já nos aponta para a introdução da temática do fantástico: “tema do eu”, relacionado ao *acaso*, ou seja, um acontecimento não previsto, uma vez que até o momento o eu lírico a via com seus próprios olhos diante de uma realidade concreta. De agora em diante, ele a vê em outro tempo e lugar, estabelecendo uma ruptura do limite entre matéria e espírito, deformação produzida pelo tema que remete o poeta ao seu inconsciente. Dessa forma, a presença do inexplicável e o deslocamento absoluto de tempo e espaço, são perfeitas deformações ocorridas em virtude do tema, que se desloca de explicações reais e entra nas sobrenaturais. Há uma transcendência de limites entre o mundo físico e o psíquico. Através desses versos também, há uma entrada no maravilhoso, que perfaz o mundo imaginário e impossível. A utilização da conjunção adversativa no início do verso, “mas”, também auxilia na construção de uma dúvida: o poeta a vê no aqui e agora (verso anterior), mas também a vê aqui em uma cena antiga.

**ou descendo pelos lentos degraus
de um templo, que é inumerável**

poeira do planeta e que foi pedra e soberba,

A mulher, agora, continua sua caminhada, porém, há outro deslocamento de tempo e espaço. Ela desce degraus de um templo, dando-nos a ideia de que está em um lugar e em um passado distantes. Há um retrocesso espaço-temporal, pois nos fala que “é” (verbo no presente do indicativo) muita “poeira”, ou seja, apenas um pó no planeta, mas que “foi” (pretérito perfeito simples) um dia “pedra”, parece-nos, então, um templo, talvez grego, pois complementa com “soberba”, ou seja, motivo de orgulho há tempos atrás. Nota-se que as mudanças espaciais e temporais, continuam presentes, uma vez que perfazem fator importante para o gênero. Além desses elementos, temos também a presença da conjunção alternativa “ou”, que auxilia para uma alternância do movimento da mulher, gerando também certa alternância do próprio pensamento do leitor. Todos esses elementos instigam a imaginação do leitor, propiciando o momento de hesitação sugerido por Todorov.

**ou decifrando o mágico alfabeto
das estrelas de outras latitudes**

Neste momento, esta mulher se desloca para fora da zona terrestre, como se voasse pelo sistema planetário, pelo universo, realizando uma ação de revelar, desvendar, buscar uma explicação para o fascinante, encantador e misterioso conjunto ao qual se dispõem as estrelas, posicionadas, de forma tão perfeita, como se fosse um alfabeto que perfaz um conjunto de letras de uma língua. Demonstrando-nos, portanto, a presença de “temas do eu”: metamorfoses, os quais nos denotam a existência de seres mais poderosos que os homens, uma vez que a mulher voa, se desloca da terra, perfazendo uma ideia imaginária que contrapõe a realidade e o fantástico. A utilização, novamente, da conjunção alternativa “ou”, oferecendo a opção de um novo deslocamento espacial, fortalece uma oscilação entre mundos, imaginário e real. Até o quinto verso o autor

intensifica o mundo real, a partir do sexto verso, porém, o poeta começa a intensificar o mundo fantástico.

ou aspirando uma rosa na Inglaterra.

Agora, o espaço é outro, ela está novamente na “terra”, realizando um ato simples de exalar o perfume de uma flor. Mesmo sendo um espaço concreto, designado com nome próprio e conhecido: “Inglaterra”, trata-se, logicamente, da imaginação do autor, todavia, ela volta a penetrar no mundo concreto, realizando uma ação normal, nada extraordinária, ao contrário, muito singela e genuína. No entanto, são os deslocamentos de tempo e espaço, realizados de forma ágil e rápida, que facilitam a entrada e saída do leitor nesse e desse mundo fantástico, conduzindo-o para essa oscilação entre o real e o imaginário. A conjunção alternativa “ou”, mais uma vez presente, também vem contribuir para essa oscilação, pois, repetida várias vezes, ela não permite ao leitor um posicionamento em nenhuma das imagens oferecidas até o momento, mas apenas uma oscilação espaço-temporal contínua.

Está onde há música,

A mulher, nesse momento, apesar da presença do verbo estar no presente do indicativo, “está”, não se encontra localizada no tempo, tampouco no espaço. Ela pode estar em qualquer lugar, desde que haja música. Ela se eterizou e eternizou, tornando-se, portanto, a própria música. Há uma transgressão absoluta dos limites entre matéria e espírito neste verso, as quais se entrecrocaram, alterando a estrutura que perfaz a relação homem e mundo, fato que pode alterar o olhar do homem diante da realidade, característica essencial nos temas do “eu”.

no leve azul,

Permanece, nesse verso, a falta de descrição do tempo, no entanto, ela pode estar em um lugar específico, no céu, em lugar tranquilo e sereno, aqui representado pelo “leve azul”. O universo espacial continua sendo transformado e a ruptura dos limites entre matéria e espírito também. A realidade, no entanto, já se encontra suprimida pelo elemento fantástico.

no hexâmetro do grego,

Tratando-se o hexâmetro de uma forma de medida poética literária, padronizada pelos gregos, temos aqui, portanto, a presença de um elemento que transgride matéria e espírito, através da ruptura do limite entre homem e objeto, na medida em que transforma a mulher, no próprio objeto. Intensificado pela transformação do tempo, uma vez que ocorre um salto para um passado, pois se trata de uma medida poética antiga.

nas nossas solidões que a buscam,

Neste momento o eu lírico passa para a primeira pessoa do plural, “nossas”, levando o leitor a sentir juntamente com ele esse sentimento de solidão, apresentando-nos, portanto, a dúvida perfeita sobre a realidade da existência desta mulher, pois se ele a apresenta nas “nossas” solidões que a “buscam”, na verdade todos somos solicitados a procurar esta mulher tão etérea, quando estivermos tomados pelo sentimento de solidão. Aqui, portanto, começa a ser instaurada a oscilação entre o estranho e o maravilhoso, gerado pela dúvida da real existência dessa mulher.

no espelho da água da fonte,

Nesse verso, no entanto, o poeta retorna ao tema fantástico, na medida em que nos conduz a imaginar nosso próprio olhar sobre uma fonte, mas enxergando

a imagem de uma mulher e não a nossa, como seria o normal. Assim, acaba-se por confundir nossa própria imagem com a dela. Ao direcionarmos nossa visão para uma fonte que espelha uma imagem, certamente encontraríamos a nossa, no caso aqui vemos outra, que diz respeito à imagem da mulher descrita. Diante disso, essa imagem da mulher, estabelecendo uma confusão de identidades, está relacionada, segundo Todorov, com a multiplicidade de personalidade, que propicia a confusão do “eu” com o outro, marcando, novamente, uma característica do tema do “eu”. O que seria, de acordo com Freud, o “fenômeno do duplo”, o qual ocorre quando o sujeito se identifica com outra pessoa, colocando-o em dúvida sobre qual é seu verdadeiro “eu”, ou, neste poema, substituindo o *eu* pelo *outro*. Portanto, ainda conforme Freud, o que ocorre é uma duplicação, divisão e intercâmbio do “eu”, responsáveis também pela sensação de estranhamento.

no mármore do tempo,

Ela agora está, novamente, parada no tempo. “Mármore” é uma palavra que nos dá a ideia de estático, duro, imóvel. A mulher, “no mármore do tempo”, encontra-se absolutamente parada, estática, sem movimento, sem tempo, sem espaço. Novamente nos apresentando a transformação espaço-temporal, como também uma metamorfose, uma alteração física do ser natural: a mulher, mostrando-nos a ruptura dos limites entre matéria e espírito. Invocando, portanto, mais uma vez os temas do “eu”, apresentados por Todorov.

em uma espada,

A mulher sendo localizada em um objeto concreto, “em uma espada”, e, ao mesmo tempo, colocada de forma mais forte, estática e imobilizada nesse objeto, faz com que se estabeleça um desafio às leis da natureza, caracterizando o tema do “eu”, através dessa ruptura entre sujeito e objeto, novamente. Através desse

apagamento de limite entre sujeito e objeto, concede à mulher o próprio estatuto de objeto. Percebe-se, portanto, que após uma dúvida, estabelecida no décimo quinto verso, volta-se ao mundo fantástico de forma mais voraz e contundente.

**na serenidade de um terraço
que divide pontes e jardins.**

Aqui, tem-se a sensação de que o autor a vê mais acima, em um terraço, mudando o ângulo de nossa visão e trazendo-a, novamente, para um espaço concreto, no qual se encontra tranquila, e do qual se pode ter outra visão, mais “térrea”, pois acrescida de elementos como terraço, pontes e jardins, conduz-nos a vê-la de forma mais real. Porém, novamente nos localizando em espaço, mas sem tempo, perfazendo essas oscilações espaço-temporais que auxiliam para o estabelecimento de uma dúvida a respeito dessa realidade.

**E detrás dos mitos e das máscaras,
a alma, que está solitária.**

No momento em que o poeta nos apresenta esses versos, explicando que por detrás do mito, de significação simbólica ou de todos esses acontecimentos imaginários, como também por detrás das máscaras, desses disfarces de um mundo real, encontra-se uma alma solitária, que nos leva a pensar que, na verdade, essa mulher pode nunca ter existido, uma vez que a alma do poeta está completamente só. Todo esse discurso poético nos faz acreditar em uma existência real de uma mulher, mas que pode não ter existido realmente, pois a alma está só, concordando com o décimo quinto verso que nos convida a procurá-la. Durante todo o discurso poético, portanto, a mulher pode ter sido fruto da imaginação do poeta e não real como se poderia imaginá-la no início do poema. Fica-se na *dúvida*, se esta mulher existe, existiu ou não, ou foi imaginada, desde o início. O que estabelece, por conseguinte o traço fundamental, de acordo com

Todorov, do gênero fantástico, ou seja, a dúvida entre o estranho e o maravilhoso, causando a hesitação entre o mundo natural e o sobrenatural.

Criou-se aqui, portanto, a oscilação entre dois mundos teorizada por Todorov como aspecto imprescindível para a realização do gênero fantástico na literatura. O autor entra com o elemento real, a mulher, apresentando-nos, no decorrer do poema, os elementos fantásticos. A dúvida, portanto, pode ser estabelecida, criando uma hesitação no leitor entre a realidade e a imaginação, uma vez que ao final do poema, fornece esse equilíbrio oscilante entre os mundos.

Esse processo de hesitação foi sendo construído mediante vários aspectos constituintes da formação do gênero fantástico, como percebemos através da utilização dos “temas do eu”, que podem ser estabelecidos por meio de uma “lei” que rompe os limites entre matéria e espírito, na medida em que transforma os paradigmas espaços-temporais, rompe limites entre sujeito e objeto, multiplica a personalidade ou altera fisicamente seres naturais.

Pode-se perceber também, que mesmo não sendo utilizados os “temas do tu”, não houve uma impossibilidade de compreensão do gênero, uma vez que o propósito em manter a hesitação foi atingido.

A forma ideal, sugerida por Todorov, seria a hesitação do começo ao fim, aqui, ela não se manteve, uma vez que somente ao final a dúvida se estabelece realmente, no entanto, o propósito foi atingido de forma clara e extremamente bem *elaborada*.

Referências bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. El oro de los tigres (1972). In: *Obras completas*. Barcelona: Emecé, 1996. vol II.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: *Edição STANDARD brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XVII.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1979.